



# Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Raísa Rabelo

## **Historiografia e fotografia:**

O caso de Mário Fontenelle na construção de Brasília

Brasília  
2015

Raísa Rabelo

**Historiografia e fotografia:**

O caso de Mário Fontenelle na construção de Brasília

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de licenciada em História, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Henrique Romão de Siqueira. Data da defesa oral: 28/08/15. Membros da banca examinadora: Prof. Dr. André Pereira Leme Lopes e Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria.

Brasília

2015

## **Dedicatória**

Aos meus pais, Madalena e Maurício.

## **Agradecimentos**

A caminhada acadêmica tem muitos percalços. Eu tive, contudo, quem me ajudou a superá-los da melhor maneira possível. Agradeço à minha família e aos meus amigos por todo o amor e apoio que sempre me dão. Aos antigos colegas de trabalho, por todos os aprendizados adquiridos durante as nossas convivências. Ao professor Jaime de Almeida, pelos conhecimentos transmitidos e por ter me lembrado da possibilidade de analisar imagens e me aproximar ainda mais do objeto trabalhado. Aos professores Susane Oliveira, Edlene Silva e Anderson Oliva, por terem feito com que eu refletisse ainda mais sobre as questões das minorias e das representações. Ao meu orientador Carlos Henrique Siqueira, pelo carinho, apoio e paciência durante este trabalho.

Muito obrigada a todos.

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ArPDF	Arquivo Público do Distrito Federal
GEB	Guarda Especial de Brasília
IAPB	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários
JK	Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente do Brasil entre 1956 e 1961
Novacap	Companhia Urbanizadora da Nova Capital

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1: Operários na construção do Congresso Nacional, entre 1958 e 1960.

FIGURA 2: Operários na construção da Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), em 18/03/1958.

FIGURA 3: Refeitório do canteiro de obras do IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários), em 24/05/1958.

FIGURA 4: Operários em caminhão, perto do Congresso Nacional. 03/09/1959.

FIGURA 5: Taguatinga entre 1958 e 1960.

FIGURA 6: Velhacap, em 04/01/1958.

FIGURA 7: Lonalândia, na Candangolândia, em 30/09/1958.

FIGURA 8: Alojamento de operários, em 22/04/1958.

FIGURA 9: Blocos residenciais em superquadra. Ao fundo, moradias dos operários. 06/08/1958.

FIGURA 10: Moradias de madeira, em 30/09/1958.

FIGURA 11: Moradia de madeira e sacos de cimento, perto de construção de casas populares, em 22/04/1957.

FIGURA 12: Crianças em acampamento de pioneiros, em 22/04/1958.

FIGURA 13: Barraco de candangos, em 1959.

FIGURA 14: Anônimos em campo de futebol em 22/04/1958.

FIGURA 15: Crianças em igreja no Núcleo Bandeirante, entre 1957 e 1960.

FIGURA 16: Candango e seu barraco feito com sacos de cimento, próximo a casas populares. 22/04/1958.

## **Resumo**

O objetivo deste trabalho é discutir possíveis papéis da fotografia na historiografia e analisar algumas fotografias produzidas por Mário Fontenelle durante a construção de Brasília. Em especial, aquelas que tratam das condições de vida e de trabalho dos candangos.

**PALAVRAS-CHAVE:** fotografia, historiografia, construção de Brasília, candangos, condições de vida, Mário Fontenelle.

## Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Possíveis relações entre a historiografia e a fotografia.....	11
Capítulo 2 – A obra de Mário Fontenelle durante a construção de Brasília	
2.1 – O contexto das imagens: A vida durante as obras da nova capital.....	14
2.2 – O fotógrafo Mário Fontenelle.....	17
Capítulo 3 – Observação de fotografias selecionadas.....	20
Considerações finais.....	36
Referências.....	37
Declaração de Autenticidade	



## Introdução

Quando fiz estágio no Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF), trabalhei a maior parte do tempo na Gerência de Acervo Audiovisual. E lá tive contato especialmente com as fotografias do período da construção de Brasília. E um dos fotógrafos chamou muito a minha atenção: Mário Fontenelle. Seu trabalho mostra, além dos detalhes da construção dos prédios e avenidas, as condições de vida dos operários das obras, os candangos. As imagens são interessantes por mostrarem as pessoas que para cá vieram, os detalhes dos trabalhos realizados por elas e suas formas de vida.

Apesar de seu trabalho relevante e pioneiro no período de construção da cidade, após a saída de Juscelino Kubitschek do governo ele acabou caindo no ostracismo. Dentro de certos limites, podemos tecer comparações entre a trajetória dele e a de Hélio de Oliveira, que prestou serviços para o jornal *O Popular*<sup>1</sup> e para o governo do Estado de Goiás e fotografou os primeiros anos da cidade de Goiânia.

Oliveira trabalhou em vários governos subsequentes ao de Pedro Ludovico<sup>2</sup> e foi laureado em vida diversas vezes<sup>3</sup>. Fontenelle, por sua vez, não obteve tanto reconhecimento assim, especialmente em vida. Um exemplo é que, apenas muito recentemente, recebeu o título de Cidadão Honorário de Brasília<sup>4</sup>.

Assim, também pensando na riqueza que as fotografias com as quais tive contato poderiam ter em um trabalho historiográfico, imaginei este estudo. Inicialmente a minha ideia era de um apanhado geral do período da construção de Brasília por meio das imagens produzidas por Fontenelle. A necessidade de afunilar o estudo, porém, foi maior. Pensei então em observar as condições de vida dos candangos no que seria a futura capital brasileira.

Inicialmente observamos como a fotografia pode ser utilizada pela historiografia. Subsequentemente, o contexto das imagens – tanto o autor delas quanto o momento na qual

---

<sup>1</sup> TITO, Keith Valéria. **Memória e identidade de um bairro**: Campinas sob as lentes de Hélio de Oliveira. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008, p. 32.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 33.

<sup>3</sup> “Ei! Se liga na UFG – Fotógrafo Hélio de Oliveira” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mKvNbKT-O40>>. Acesso em: 18 de ago. 2015.

<sup>4</sup> “Reconhecimento ao primeiro fotógrafo oficial de Brasília” Disponível em: <<http://df.gov.br/conteudo-agencia-brasilia/item/19701-reconhecimento-ao-primeiro-fot%C3%B3grafo-oficial-de-bras%C3%ADlia.html>>. Acesso em: 18 de ago. 2015.

foram produzidas. Prossigo com uma análise de fotografias selecionadas e com as considerações finais.

## 1. Possíveis relações entre a historiografia e a fotografia

Com o advento da fotografia, os historiadores, além de um novo tipo de documento, também ganharam o desafio de trabalhá-lo. Como interpretar esse novo tipo de imagem? Deve-se crer em tudo o que ela retrata? Com tudo que aprendi durante o curso de História, eu digo que não: o historiador deve sempre desconfiar das suas fontes e tentar ao máximo ir além do que é explicitado por elas. Boris Kossoy observa que as fotografias são

[...] apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência.<sup>5</sup>

Ou seja, o historiador deve utilizá-la sabendo que ela mostra apenas parte de um todo que ocorria no momento em que o fotógrafo apertou o botão principal de sua câmera. E o autor também diz que

Assim como as demais fontes de informação históricas, as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos. Assim como os demais documentos elas são plenas de ambiguidades, portadoras de significados não explícitos e de omissões pensadas, calculadas, que aguardam pela competente decifração. Seu potencial informativo poderá ser alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato da tomada do registro. Caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações "artísticas" do passado.<sup>6</sup>

Kossoy confirma, assim, que a desconfiança necessária e inerente do trabalho do historiador não deve ser esquecida na análise de fotografias. Elas, como todos os documentos históricos, apresentam suas nuances, que devem ser sempre levadas em conta quando são estudadas. Ele também levanta a questão do uso das fotografias pelos historiadores:

Pesquisadores dedicados aos diferentes gêneros da história, apesar de reconhecerem ultimamente na iconografia uma possibilidade interessante para a reconstituição histórica, por vezes se equivocam no emprego das imagens fotográficas em suas investigações. Provavelmente, por não alcançarem as peculiaridades estéticas desta forma de expressão, que difere na sua essência das demais representações gráficas e pictóricas. Equívocos ocorrem pela desinformação conceitual quanto aos fundamentos que regem a expressão fotográfica, o que os leva a estacionarem apenas no plano iconográfico, sem perceberem a ambiguidade das informações contidas nas representações fotográficas. Resulta de tal desconhecimento, ou despreparo, o emprego das imagens do passado apenas como "ilustrações" dos

---

<sup>5</sup> KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 21.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 22.

textos: o potencial do documento não é explorado, suas informações não são decodificadas, posto que, não raro, se encontram além da própria imagem.<sup>7</sup>

É sempre necessário frisar isso: as fotografias não devem ser meras ilustrações para os textos históricos. Elas devem ser analisadas, em todo seu potencial, para que integrem o conteúdo do trabalho.

François Soulages traz uma opinião parecida com a de Kossoy sobre a análise da fotografia:

A reflexão crítica parece ser uma necessidade de esclarecer nossa abordagem da obra, isto é, de nos questionarmos, além das opiniões e dos clichês, sobre a obra, sobre nossa relação com ela e sobre nós mesmos; pois, como todo objeto do mundo, a obra nunca é recebida num imediatismo que, de fato, é ilusório, mas sempre através das mediações às vezes não notadas. O trabalho do crítico, seja ele teórico, historiador, especialista em mídia ou filósofo, é justamente desvendar essas mediações e questionar a obra como ele questiona qualquer objeto do mundo, tendo em mente, no entanto, que uma obra pertence a esse triângulo particular que é a arte: triângulo do criador, da obra e do receptor.<sup>8</sup>

Isto é, o historiador deve lembrar-se de que a fotografia nunca é recebida “pura”, ela, como todo documento, traz mediações em si. E também é importante recordar da categoria de obra de arte da fotografia, que acaba trazendo consigo mais elementos do seu criador e gerando diferentes reações nos diferentes espectadores. Soulages também traz a ideia de que a fotografia é “potencialmente rica em um número infinito de sentidos”<sup>9</sup>. O historiador, portanto, deve estar preparado para trabalhar todos esses sentidos.

Jacques Rancière fala um pouco da questão da história como ciência e/ou literatura, lembrando de quando os historiadores passaram a tratar também da vida dos anônimos:

Passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios, é um programa literário, antes de ser científico. [...] A própria literatura se constitui como uma determinada sintomatologia da sociedade e contrapõe essa sintomatologia aos gritos e ficções da cena pública. No prefácio de *Cromwell*, Hugo reivindicava para a literatura uma história dos costumes que se opunha à história dos acontecimentos praticada pelos historiadores. Em *Guerra e paz*, Tolstói contrapunha os documentos da literatura, tirados das narrativas e testemunhos da ação de inumeráveis atores anônimos, aos documentos dos historiadores tirados dos arquivos – e das ficções – daqueles que acreditam comandar as batalhas e fazer a história. O conhecimento histórico integrou a oposição quando contrapôs à velha história dos príncipes, batalhas e tratados, fundada na crônica das cortes e relatórios diplomáticos, a história dos modos de vida

---

<sup>7</sup> KOSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 20 e 21.

<sup>8</sup> SOULAGES, François. **Estética da fotografia: Perda e permanência**. São Paulo: Editora Senac, 2010, p. 263 e 264.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 267.

das massas e dos ciclos da vida material, fundada na leitura e interpretação das “testemunhas mudas”.<sup>10</sup>

Dessa maneira os historiadores começaram a enxergar a riqueza da vida dos comuns e a necessidade de estudá-la, trazendo de volta parte da “pré-história literária” da ciência histórica. A fotografia ajuda muito neste processo pois, se antes a pintura retratava apenas os nobres, agora existe uma arte também para os anônimos:

Também não foram os temas etéreos e os *flous* artísticos do pictorialismo que asseguraram o estatuto da arte fotográfica, mas sim a assunção do *qualquer um*: os emigrantes de *The Steerage* de Stieglitz, os retratos frontais de Paul Strand ou de Walker Evans. A revolução técnica vem depois da revolução estética. Mas a revolução estética é antes de tudo a glória do *qualquer um* – que é pictural e literária, antes de fotográfica ou cinematográfica.<sup>11</sup>

Essa “glória do qualquer um” aparece na fotografia e na historiografia, pois esta começa a trabalhar mais os anônimos e aquela retrata as pessoas que antes não eram retratadas nas pinturas, por exemplo. O trabalho de Mário Fontenelle, mostrando desde as visitas de políticos estrangeiros à futura capital aos candangos nos canteiros de obra, é um exemplo disso.

Rancière também traz um pouco da ideia de que “o banal torna-se belo como rastro do verdadeiro”<sup>12</sup>, isto é, quando existe a representação do real é que podemos ler as “contradições de uma sociedade”, ou seja, entendê-la melhor. A fotografia é uma arte que ajuda nisso, pois nos aproxima do que é retratado. Assim, a compreensão de um momento por um historiador pode ser mais adequada.

Observando os conceitos trabalhados por esses autores, conclui-se que a fotografia deve, sempre que possível, ser utilizada pelos historiadores, mas com a cautela necessária para o estudo de qualquer documento histórico: verificar o autor, o contexto e o que está retratado direta e indiretamente pelas imagens.

---

<sup>10</sup> RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 49 e 50.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 48.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 50 e 51.

## 2. A obra de Mário Fontenelle durante a construção de Brasília

### 2.1 O contexto das imagens: A vida durante as obras da nova capital

Mário Fontenelle trabalhou durante o governo JK e fotografou a construção da cidade. Para entender melhor a época na qual as imagens que trabalhamos foram feitas, devemos pensar nesse contexto. Para isso, será utilizada principalmente a obra de Gustavo Lins Ribeiro.

Para a realização da obra foram arrematados muitos trabalhadores de várias partes do país. As condições nas quais viveram foram muito difíceis, pois o território ainda não contava com itens importantes para a sobrevivência. Parte deles moravam em acampamentos construídos pela Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital) ou pelas construtoras e parte em invasões.<sup>13</sup>

Com a incapacidade estatal de abrigar essa grande massa de operários, as cidades de Taguatinga<sup>14</sup> e Sobradinho<sup>15</sup> foram construídas e o Núcleo Bandeirante, que teoricamente seria temporário, foi fixado no mapa do futuro Distrito Federal.<sup>16</sup>

A grande maioria de trabalhadores era solteira ou havia deixado suas famílias nas cidades de origem. A falta desse “lar feliz”<sup>17</sup> era muito sentida pelos operários que não tinham família aqui. Ribeiro observa um detalhe importante:

Assim, não poder contar com este idealizado lar feliz, além de roubar dos indivíduos uma considerável parcela de suas relações sociais cotidianas, acaba por subordiná-los quase completamente aos interesses e controles da esfera de produção.<sup>18</sup>

Ou seja, a preferência por trabalhadores solteiros por parte da Novacap e das construtoras também se dá para manter o foco dos subordinados nas suas tarefas. Existiu, inclusive, a suspeita de adição de salitre<sup>19</sup> nos alimentos servidos aos operários por algumas firmas para diminuir seu desejo sexual.

Esse desinteresse por trabalhadores com família também existiu porque ela é um fator de sedentarização<sup>20</sup>, logo, a possibilidade de operários continuarem com os seus no território depois da obra pronta é maior, o que poderia causar desemprego e invasões.

---

<sup>13</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 240.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 247.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 251.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 256.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 104.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 225.

<sup>20</sup> *Idem*, p. 106.

Alguns depoimentos<sup>21</sup> no livro de Ribeiro mostram que a questão da diferença de quantidade entre indivíduos dos dois sexos é muito importante, pois além do aumento da prostituição, as poucas mulheres que vieram para cá nesse período corriam diversos riscos de abusos quando saíam de casa.

O trabalho durava as 24 horas do dia, com muitos serões, viradas e horas extras feitos pelos operários. Para isso, muitos faziam uso de estimulantes<sup>22</sup> para conseguir laborar por mais tempo, acarretando sérios problemas de saúde a eles. E ainda existia a desconfiança de uso, por algumas firmas, de “químicos”<sup>23</sup> na comida servida, também para que eles trabalhassem mais.

Quanto às longas jornadas, até mesmo o presidente Kubitschek desdenhou da legislação trabalhista ao dizer, em um discurso, que em Brasília “não há horário burocrático para o serviço, trabalha-se dia e noite”.<sup>24</sup> Essa grande quantidade de serviço, aliada à falta de segurança, à inexperiência de muitos candangos e à pressão pelo prazo de inauguração da cidade causava muitos acidentes, em grande parte fatais<sup>25</sup>.

Jacques Rancière traz conceitos interessantes sobre essas questões:

Uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. [...] Os artesãos, diz Platão, não podem participar das coisas comuns porque eles *não têm tempo* para se dedicar a outra coisa que não seja o seu trabalho. Eles não podem estar em *outro lugar* porque o *trabalho não espera*. A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce. Assim, ter esta ou aquela “ocupação” define competências ou incompetências para o comum. Define o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum, etc.<sup>26</sup>

Trazendo essas ideias para o momento estudado aqui, as funções exercidas pelos trabalhadores da construção e o controle do seu tempo (com as poucas opções de lazer e o pagamento de horas extras, gerando um interesse em laborar mais) os deixam fora de outras atividades, dedicados quase que exclusivamente aos canteiros de obras. Dessa maneira o trabalho corria mais rápido e os prazos eram cumpridos.

---

<sup>21</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 107.

<sup>22</sup> *Idem*, p. 157.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 224 e 225.

<sup>24</sup> KUBITSCHEK *apud* RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 162.

<sup>25</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 165-169.

<sup>26</sup> RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 16.

A baixa qualidade da alimentação e as grandes filas nos refeitórios causavam muitas reclamações.<sup>27</sup> Uma das mais conhecidas – e obscuras<sup>28</sup> – é a que ocorreu no carnaval de 1959, na cantina da construtora Pacheco Fernandes, onde a GEB (Guarda Especial de Brasília) acabou espancando muitos trabalhadores e matando pelo menos um deles.<sup>29</sup>

Dessa maneira, nota-se que o território das obras da futura capital era um ambiente de muito trabalho, mas também de muitas dificuldades e conflitos entre aqueles que aqui estavam.

---

<sup>27</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 220.

<sup>28</sup> *Idem*, p. 232.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 228.



## 2.2 O fotógrafo Mário Fontenelle

Fontenelle era mecânico em uma empresa de transportes aéreos<sup>30</sup>. Sua trajetória no ramo da fotografia começa quando é presenteado com uma câmera pelo Presidente Kubitschek. Depois disso Mário Fontenelle passa a ser o fotógrafo oficial do governo JK, trabalhando na Novacap e na revista Brasília, publicação mensal desta empresa pública.

Luisa Videsott observa, em um de seus artigos, o trabalho desenvolvido na revista Brasília:

Logo depois nasceu a revista Brasília, que podia documentar o desenvolvimento dos trabalhos de construção da nova capital, tanto publicando as Atas da Diretoria da Sociedade, quanto anunciando as mais variadas providências tomadas pela Novacap, e ao mesmo tempo responder às perguntas que vinham sendo colocadas sobre a construção da Capital, no País e no exterior.<sup>31</sup>

A revista, logo, tinha esse papel de prestar contas ao público do andamento das obras.

Videsott explicita mais a função do fotógrafo na publicação:

[...] a revista apresentava regularmente a seção denominada “A *Marcha da Construção*” e para isso foi contratado o fotógrafo Mario Fontenelle, cujas fotografias hoje pertencem ao Arquivo Público do Distrito Federal. O objetivo desta seção, de maneira mais específica, era contrabalançar, através da documentação iconográfica, as alegações da oposição ao governo JK e demonstrar que a construção da cidade ia se desenvolvendo de acordo com as promessas do Presidente e com os planos e projetos de arquitetura e urbanismo aprovados.<sup>32</sup>

As fotografias, logo, acabavam por justificar e defender as decisões governamentais junto ao público e à oposição. A produção de Fontenelle nesse período foi muito grande e, claro, nem todas as imagens foram publicadas, mas as que foram mostravam como estavam as construções, as visitas, a vida na cidade.

É importante lembrar dessa função exercida por Fontenelle, pois, como lembra Kossoy, existe um

papel ideológico da fotografia enquanto instrumento de comprovação documental empregado pela elite econômica e política da sociedade brasileira com o intuito de apresentar o país através de seleções de imagens cujos códigos culturais e estéticos nelas explícitos transmitissem a si mesmos e aos receptores estrangeiros a idéia de modernidade, esplendor e progresso: imagens de exportação como sempre se fez por

<sup>30</sup> “Mário Fontenelle – O escrivão de Brasília” Disponível em: <<http://www.arpdf.df.gov.br/noticias/item/2240-mario-o-escrivao.html>>. Acesso em: 18 de ago. 2015.

<sup>31</sup> VIDESOTT, Luisa. Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. In: **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** (Online), nº 11. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 32. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44790>>. Acesso em 18 de ago. 2015.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 33 e 34.

meio das revistas ilustradas, dos cartões postais, dos livros oficiais de propaganda do país no exterior.<sup>33</sup>

A construção de Brasília, em si, já trazia o conceito de modernidade. O meio de divulgação do andamento dos trabalhos usado pela Novacap era a revista Brasília. E Fontenelle era o fotógrafo. Suas fotografias ilustravam as informações governamentais sobre o processo.

Podemos pensar, então, nas intenções de Fontenelle. Como Kossoy diz,

Seja em função de um desejo individual de expressão de seu autor, seja de comissionamentos específicos que visam uma determinada aplicação (científica, comercial, educacional, policial, jornalística etc.) existe sempre uma motivação interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a criação de uma fotografia e aí reside a primeira opção do fotógrafo, quando este seleciona o assunto em função de uma determinada finalidade/intencionalidade. Esta motivação influirá decisivamente na concepção e construção da imagem final. O assunto, tal como se acha representado na imagem fotográfica, resulta de uma sucessão de escolhas; é fruto de um somatório de seleções de diferentes naturezas – idealizadas e conduzidas pelo fotógrafo- seleções essas que ocorrem mais ou menos concomitantemente e que interagem entre si, determinando o caráter da representação.<sup>34</sup>

Ou seja, nas fotografias dele, além da sua visão, também está incluída a aplicação delas: a defesa desse grande empreendimento do governo Kubitschek que é a construção da nova capital.

Joan Fontcuberta lembra outro fato importante sobre a fotografia:

(...) a câmera é uma máquina, mas o fotógrafo não é um robô. O ato fotográfico submete o fotógrafo a uma sequência de decisões que mobiliza todas as esferas da subjetividade. O fotógrafo é um personagem que pensa, sente, se emociona, interpreta e toma partido. E que faz isso tudo sem perceber.<sup>35</sup>

Deve-se lembrar, portanto, que Fontenelle fez escolhas ao produzir suas imagens. Os ângulos, personagens e momentos retratados em sua obra não foram selecionados exclusivamente de acordo com a finalidade de seu trabalho: também levam em conta o seu próprio olhar.

François Soulages cita Bernard Plossu para falar sobre o ato fotográfico:

A máquina fotográfica, para mim, é uma maneira de escrever. O processo mental é o mesmo: acumulam-se durante vinte anos uma cultura, um saber, uma sensibilidade, e depois tudo vem na escrita em um segundo. É a mesma coisa com a fotografia.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> KOSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 14.

<sup>34</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>35</sup> FONTCUBERTA *apud* ALMEIDA, Carolina Souza de. **A construção de imagens na fotografia contemporânea**: uma análise da obra de André Boto. In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2014, Vila Velha, p. 8. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0278-1.pdf>>. Acesso em 19 de ago. 2015.

<sup>36</sup> PLOSSU *apud* SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: Perda e permanência. São Paulo: Editora Senac, 2010, p. 270.

Reiterando, dessa maneira, que a vida do fotógrafo influencia no seu trabalho, assim como no de qualquer artista, já que a fotografia, como visto também em Soulages, também é uma arte.

Visto tudo isso, notamos que, para pensar no trabalho de um fotógrafo, devemos pensar nele, no contexto e nas finalidades da sua obra.

### 3. Observação de fotografias selecionadas



Figura 1: Operários na construção do Congresso Nacional, entre 1958 e 1960. Autor: Mário Fontenelle.<sup>37</sup>

Nota-se que nem todos os trabalhadores estão com a mesma roupa, que eles usam calçados simples e que não há equipamentos de segurança. A questão das vestimentas<sup>38</sup> é importante por, devido ao trabalho pesado, elas se desgastarem rápido e por ser mais um gasto para os operários. E não podemos cometer o anacronismo de procurar equipamentos modernos de segurança em imagens das décadas de 1950 e 1960, mas devemos observar as condições nas quais as tarefas ocorriam. Como visto anteriormente, os acidentes foram muitos e, no prédio do Congresso Nacional, ocorriam com frequência.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> Fonte de todas as imagens aqui utilizadas: Arquivo Público do Distrito Federal.

<sup>38</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 110.

<sup>39</sup> *Idem*, p. 166.



**Figura 2: Operários na construção da Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), em 18/03/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Trabalhadores na construção da Igrejinha. Não há segurança, mais uma vez. Eles usam roupas diferentes e dois deles manuseiam objetos que parecem cortantes sem nada que possa proteger as mãos.



**Figura 3: Refeitório do canteiro de obras do IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários), em 24/05/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Muitas pessoas dentro do refeitório e uma grande fila do lado de fora. Nem todos estão de uniforme e as mesas estão bastante sujas. Como visto anteriormente, as reclamações pelas grandes filas e pela baixa qualidade da comida eram muitas.<sup>40</sup> Muitos trabalhadores, inclusive, deixavam de almoçar nessas cantinas para lancharem nos canteiros de obra.

---

<sup>40</sup> *Idem*, p. 220-222.



**Figura 4: Operários em caminhão, perto do Congresso Nacional. 03/09/1959. Autor: Mário Fontenelle.**

Aqui é visto o meio de transporte utilizado pelos operários: um caminhão. Como era comum à época, a segurança dos passageiros não era uma prioridade. Considerando as condições das vias e a quantidade de trabalhadores, é perceptível que qualquer incidente no percurso ou mal-estar momentâneo de algum deles poderia resultar em uma tragédia.



**Figura 5: Taguatinga entre 1958 e 1960. Autor: Mário Fontenelle.**

Aqui vemos Taguatinga onde, como é notável, havia muitas casas, mas não tinha grande movimento de pessoas – provavelmente a foto foi tirada durante o horário de trabalho. E nota-se também algo que ou é água ou é esgoto correndo no meio da pista de terra por onde os moradores passam. As condições sanitárias, logo, ainda não eram as ideais.





**Figura 6: Velhacap, em 04/01/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Moradias de madeira, com organização e espaço entre si, em local denominado Velhacap – atualmente nomeado Candangolândia. Lá era uma área destinada ao trabalho e às necessidades dos funcionários da Novacap e tinha uma infraestrutura interessante, com hospital, restaurante, escola, entre outros.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 73 e 74.



**Figura 7: Lonalândia, na Candangolândia, em 30/09/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Casas feitas de lona, na Candangolândia. Há organização e bom espaçamento entre as casas, mas é importante assinalar que a utilização de lonas não é interessante para a construção de casas.



**Figura 8: Alojamento de operários, em 22/04/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Alojamento de operários feito de madeira e, pela distância entre as portas, cada quarto deveria ser bastante diminuto. Pelo regime ininterrupto de construção da cidade muitos alojamentos eram levantados nos próprios canteiros de obra. Eram muitos homens nesse tipo de alojamento, mas poucos lugares para suas “necessidades fisiológicas, de higiene pessoal e de lavagem de roupas”<sup>42</sup>. Nos alojamentos para profissionais sem família analisados por Ribeiro, “três sanitários, três chuveiros e três tanques” atendiam a um total de oitenta homens. Ele também traz depoimentos de candangos que contam das muitas doenças<sup>43</sup> e dos casos de violência<sup>44</sup> que eram comuns nesses locais.

---

<sup>42</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 136.

<sup>43</sup> *Idem*, p. 135.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p.134.



**Figura 9: Blocos residenciais em superquadra. Ao fundo, moradias dos operários. 06/08/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Construções de prédios em superquadra. À direita, as casas dos operários, sem nenhuma organização entre si e com uma infraestrutura mais simples. Contrastando, portanto, com as modernas ideias utilizadas por Oscar Niemeyer na construção das moradias da cidade.





**Figura 10: Moradias de madeira, em 30/09/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Casas de madeira, em local ignorado. Não há organização de ruas, existem postes – que não se pode definir se são de energia – e um lugar desmatado, que provavelmente era usado como campo de futebol. Nota-se uma despreocupação com um traçado urbano, viário e sanitário adequados para a vida dos moradores.



**Figura 11: Moradia de madeira e sacos de cimento, perto de construção de casas populares, em 22/04/1957. Autor: Mário Fontenelle.**

Casa feita de madeira e sacos de cimento. O interessante é que, ao fundo, são visíveis as moradias de alvenaria sendo construídas. Ou seja, modelos de habitação completamente díspares conviviam, já que a demanda por trabalhadores era grande e nem todos conseguiam habitações adequadas.

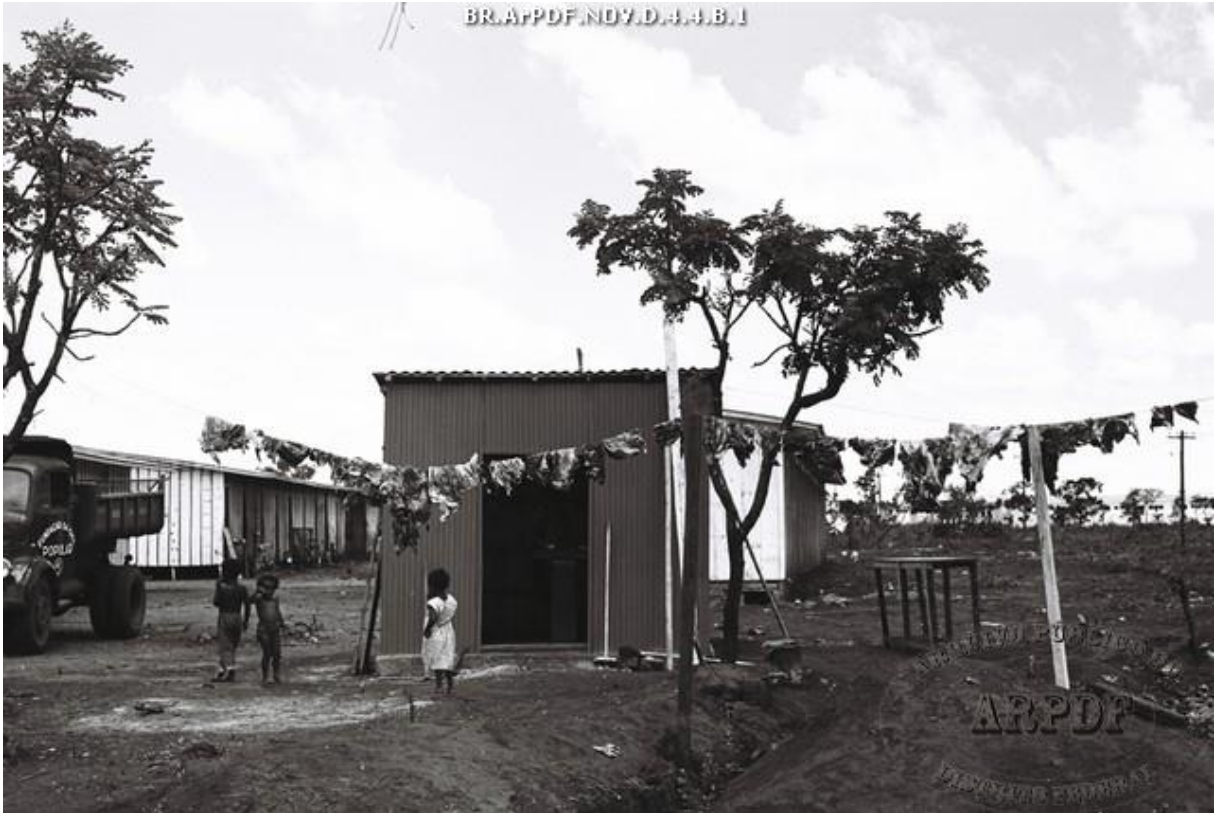


Figura 12: Crianças em acampamento de pioneiros, em 22/04/1958. Autor: Mário Fontenelle.

Acampamento de pioneiros, com casas de madeira. Há crianças brincando, um poste de energia ao fundo, um caminhão (aparentemente da Fundação da Casa Popular) e carne secando ao sol. Muitas famílias vieram para cá e, como visto em Ribeiro<sup>45</sup>, os acampamentos delas eram separados dos ocupados por homens solteiros. A quantidade de núcleos familiares era pequena em vista da de trabalhadores que não eram casados<sup>46</sup>, mas é importante frisar que eles existiam e faziam parte daquele momento.

---

<sup>45</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 133.

<sup>46</sup> Na região da Vila Planalto, também segundo Ribeiro (*Idem*, p. 143), era uma proporção de 30% de famílias para 70% de grupos conviventes (formados pelos homens solteiros).





**Figura 13: Barraco de candangos, em 1959. Autor: Mário Fontenelle.**

As condições sofridas de vida são vistas, pois a casa não tem telhado ainda e há apenas uma cama e alguns objetos de cozinha. A presença da criança na imagem mostra, mais uma vez, que elas também fizeram parte da paisagem da construção de Brasília. Fontenelle retratou as difíceis condições que muitos passaram quando optaram por migrarem de suas cidades para participarem desse grande empreendimento. Pela data da foto, talvez esses trabalhadores possam ter vindo fugidos da seca de 1958<sup>47</sup>, que fez com que muitas famílias saíssem do Nordeste. Esses migrantes sofreram muitas dificuldades para encontrar moradia e, muitas vezes, acabavam acampando em pleno cerrado.

---

<sup>47</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília.** Brasília: Editora UnB, 2008, p. 102.



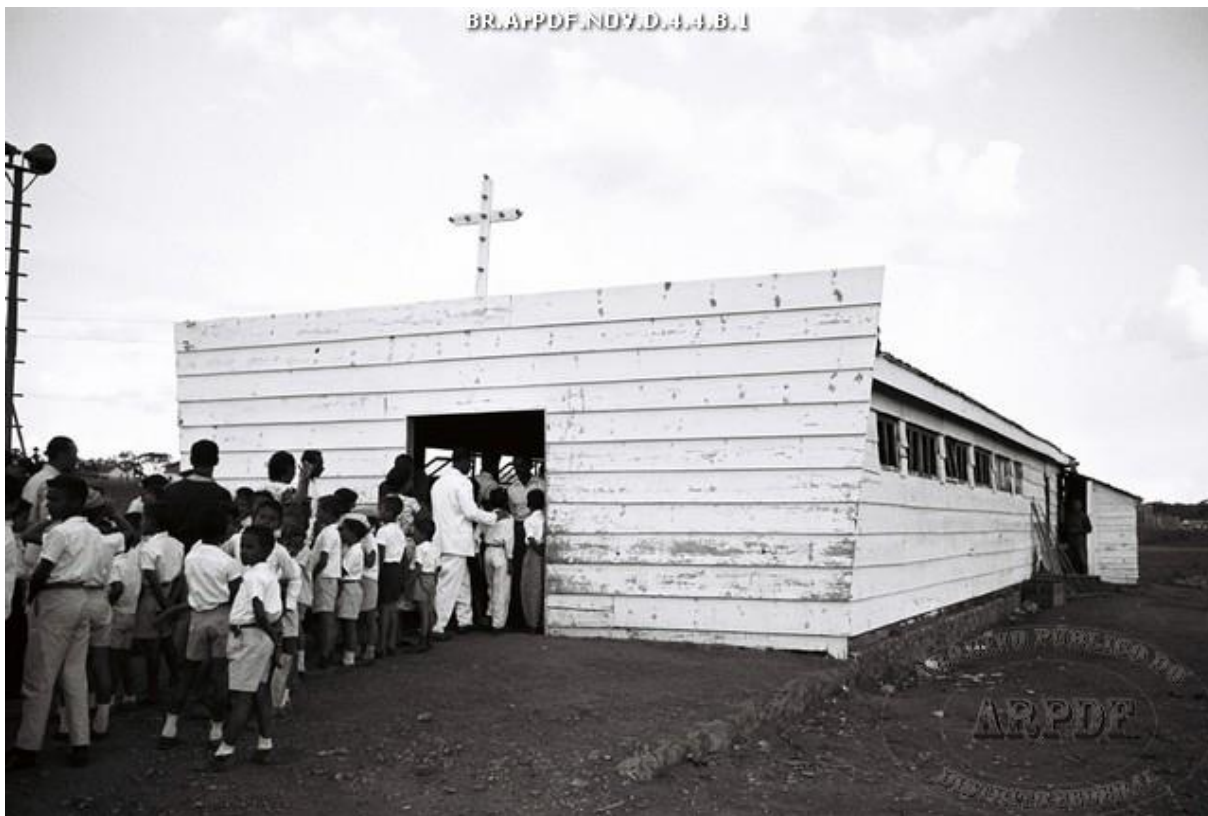


**Figura 14: Anônimos em campo de futebol em 22/04/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Próximo das moradas, ao menos alguns aparelhos do lazer/esporto são providenciados. Uma grande área aberta, limpa e destocada com traves afixadas já garante a realização de partidas de futebol. Ribeiro expõe que as construtoras costumavam ter seus times e, com os jogos, as diferenciações sociais eram momentaneamente rompidas pelo bem comum: a vitória da equipe da companhia.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora UnB, 2008, p. 141.



**Figura 15: Crianças em igreja no Núcleo Bandeirante, entre 1957 e 1960. Autor: Mário Fontenelle.**

Igreja de madeira no Núcleo Bandeirante com crianças uniformizadas adentrando-a. Além de equipamentos públicos elementares como a escola, seja com improvisado, os costumes religiosos foram mantidos com a edificação de templos.



**Figura 16: Candango e seu barraco feito com sacos de cimento, próximo a casas populares. 22/04/1958. Autor: Mário Fontenelle.**

Homem e seu barraco de sacos de cimento, em frente a casas de alvenaria. Essa imagem sintetiza o grande contraste de condições de vida naquele local e momento.

## **Considerações finais**

Com este estudo observei muitas questões. Uma é a do quão difícil ainda é, para o historiador da atualidade, trabalhar com imagens. A minha formação, infelizmente, não me deu muita base para isso. Sempre trabalhamos muito mais as fontes escritas. Então, entre os aprendizados, esteve esse problema.

Trabalhando no ArPDF e, depois, realizando este trabalho, também pensei na importância dos arquivos. Sem o labor de conservação e organização feito por eles, grande parte da nossa memória com certeza já teria sido perdida.

E também lá e aqui, observando as imagens e pesquisando o contexto, refleti sobre esse momento da construção de Brasília, e sobre as inúmeras dificuldades dos que aqui vieram em busca de trabalho e acreditando no sonho da “capital da esperança”.

Outro fato importante que notei foi que as fotografias de Mário Fontenelle são bastante utilizadas em reportagens e estudos, mas que ainda existem poucos trabalhos sobre a sua obra, que é extremamente rica.

## Referências

ALMEIDA, Carolina Souza de. **A construção de imagens na fotografia contemporânea: uma análise da obra de André Boto.** In: XIX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2014, Vila Velha. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0278-1.pdf>>. Acesso em 19 de ago. 2015.

BARTHES, Roland. *A câmara clara.* Lisboa: Edições 70, 1981.

BENJAMIN, Walter. **Pequena história da fotografia.** In: \_\_\_\_\_ *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura.* Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

KIM, Lina; WESELY, Michael. **Arquivo Brasília.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política.** São Paulo: Editora 34, 2005.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança: A experiência dos trabalhadores na construção de Brasília.** Brasília: Editora UnB, 2008.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: Perda e permanência.** São Paulo: Editora Senac, 2010.

TITO, Keith Valéria. **Memória e identidade de um bairro: Campinas sob as lentes de Hélio de Oliveira.** 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa a Brasília: A invenção de uma capital (séculos XIX-XX).** Brasília: Editora UnB, 2008.

VIDESOTT, Luisa. Informações, representações e discursos acerca das arquitetura-ícones de Brasília: o caso da revista Brasília. In: **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo** (Online), nº 11. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/44790>>. Acesso em 18 de ago. 2015.

“Ei! Se liga na UFG – Fotógrafo Hélio de Oliveira”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mKvNbkT-O40>>. Acesso em: 18 de ago. 2015.

“Mário Fontenelle – O escrivão de Brasília” Disponível em: <<http://www.arpdf.df.gov.br/noticias/item/2240-mario-o-escrivao.html>>. Acesso em: 18 de ago. 2015.

“Reconhecimento ao primeiro fotógrafo oficial de Brasília” Disponível em: <<http://df.gov.br/conteudo-agencia-brasilia/item/19701-reconhecimento-ao-primeiro-fot%C3%B3grafo-oficial-de-bras%C3%ADlia.html>>. Acesso em: 18 de ago. 2015.

## Declaração de Autenticidade

Eu, Raísa Rabelo, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *Historiografia e fotografia: o caso de Mário Fontenelle na construção de Brasília* foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 28 de agosto de 2015,

---